

AUTOGESTÃO E FORMAÇÃO DE TRABALHADORES ASSOCIADOS: UM ESTUDO DE CASO DA INTECOOP FURG/RS

Vanessa Gonçalves Dias¹;
Conceição Paludo³

¹Universidade Federal de Pelotas-UFPEL – vanygd@yahoo.com.br

³Universidade Federal de Pelotas-UFPEL – c.paludo@terra.com.br

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho é um recorte da pesquisa realizada no Mestrado em Educação FaE/PPGE/UFPEL, na linha História e Filosofia da Educação de 2012 a 2013 intitulada “*Autogestão com ênfase no processo educativo: Associação Recicladora Vitória e Intecoop FURG – Rio Grande/RS*”. O objetivo central foi investigar em que medida o processo de incubação realizado pela Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares – ITCP/FURG, no período de 2008 a 2012, contribuiu para a prática de autogestão no empreendimento de reciclagem da Associação Recicladora Vitória. Dessa maneira, a concepção de autogestão e trabalho associado assumidos estão vinculados com projeto de sociedade em toda sua radicalidade, logo, a autogestão é, assim, entendida como modo de produção, cujo um dos fundamentos é estabelecer relações sociais para produzir condições materiais de existência, ou um socialismo democrático. “Sendo assim, a autogestão social jamais será efetivada, em sua totalidade, sob o modo de produção capitalista, o que podemos encontrar, mediante as práticas de resistência, são características de autogestão, em algumas experiências econômicas associativas” (FARIA, 2005).

Desse modo, ao analisar o fenômeno social de pesquisa, o que destacamos sobre as incubadoras é a compreensão de seu surgimento como uma das sementes da reação de parte sociedade, diante do desemprego, da miséria, da fome e do empobrecimento das classes populares. As universidades, por meio da extensão universitária; assim como as organizações sindicais, empresas públicas, governos municipais, movimentos sociais e setores da igreja, agiram diante dessa situação. As ITCPs, enquanto responsáveis pela assessoria técnica a cooperativas populares, além de geradoras de pesquisas no ensino universitário, assumem um lugar polêmico, revestido de ambiguidades e contradições inerentes à sua própria proposta de trabalho, que é ancorada no “cooperativismo popular”.

2. METODOLOGIA

Com base teórico-metodológica no Materialismo Histórico Dialético, a partir de um estudo de caso, a pesquisa desenvolveu-se na Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares – FURG-, localizada no município de Rio Grande, no Estado do Rio Grande do Sul. Analisou-se criticamente a concepção de autogestão, o trabalho associado, o cooperativismo popular e a incubação difundida pelos documentos do Programa INTECOOP e no processo prático de

incubação, no empreendimento de mulheres da Associação Recicladora Vitória, situada também no município de Rio Grande.

Optou-se nesta investigação pelas seguintes técnicas e procedimentos de pesquisa: observações livres (01) reunião geral; (05) no espaço de trabalho, durante o processo produtivo. Análise documental: (60) relatórios; (03) projetos da incubadora; (02) relatórios do FINEP; (03) artigos que relatavam a descrição de algumas atividades que foram desenvolvidas na associação; (01) regimento interno; (10) atas da associação. As entrevistas semiestruturadas foram realizadas com um estudante da graduação, de um total de seis escolhidos pelo tempo de experiência no acompanhamento da incubação da associação, e com dois antigos consultores técnicos que acompanharam os primeiros e os últimos passos do processo de incubação. Foram realizadas também duas entrevistas com a primeira e a última coordenação da incubadora e, ainda, duas entrevistas com recicladores da Associação investigada.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

No tocante ao processo produtivo associado, podemos afirmar que a forma da associação gerir o empreendimento busca a autogestão, no seu sentido mais amplo, havendo na prática um esforço de autogestão, ou, como diria Gramsci, de “autogoverno”. Encontramos na prática da associação algumas características, ainda que incipientes, de autogestão. Nesse processo de participação e organização coletiva do trabalho percebemos que ainda há resquícios da lógica formal do trabalho (heterogestão), no trabalho realizado na Associação como, por exemplo, a presença da dirigente da coordenação é facilmente confundida com a figura do “patrão”.

O autor Singer (2005, p. 16) contribui com esse debate ao argumentar que as pessoas que foram formadas no capitalismo precisam ser reeducadas e que “essa reeducação tem que ser coletiva e permanente, pois ela deve ser de todos os que efetuam em conjunto a transição, do modo competitivo ao cooperativo de produção e distribuição”. Assim como Singer, compreendemos que “quebrar a cultura” que o chefe tem que resolver o problema, de desafiar isso com o grupo representa um espaço de educação importante para um novo perfil de trabalhador associado.

Avaliamos, pelos dados levantados, que pouco se contribuiu em técnica e metodologias que ajudassem a avançar na superação dessas dificuldades, embora tenha propiciado um significativo avanço em outras que vamos ainda referir. Diante disso, a análise em curso permite questionamento sobre “qual é a educação que interessa aos trabalhadores e trabalhadoras nesse processo educativo produtivo, em uma metodologia da incubação?” Em relação à participação nas assembleias extraordinárias, onde as decisões são colocadas em discussão e votação, o material analisado, atas de assembleias e relatório da ITCP demonstram que a associação realizou poucas assembleias, e, ainda, que em todas as assembleias realizadas a incubadora esteve presente, mediando o processo.

Sobre a “participação das associadas nos processos decisórios”, alguns elementos que ficaram evidenciados nas entrevistas e nas observações realizadas foram que algumas associadas pensam ter “menos conhecimento” em relação às outras. Em alguns momentos, nesse processo de decisão, algumas associadas não conseguiam assumir cargos de direção, e nem ler os estatutos, as prestações de contas e outros documentos, pois não sabiam ler, ou tinham dificuldades na escrita, na oralidade, e problemas de autoestima. Por isso na

divisão das atividades, embora houvesse rotatividade, a preferência da maioria ficava sempre no trabalho “braçal”. Obviamente, sabemos que a incubadora não tem o compromisso central com o processo de escolarização formal e tampouco cabe a ela “resolver todos os processos e carências”, pelas quais as associações passam. No entanto, sabemos o quanto isso é um dos desafios na organização do trabalho associado. Conforme TIRIBA (2007) Se a relação “trabalho-educação” tem como pressuposto que o conhecimento produzido na escola tem como fonte inspiradora o saber produzido nas relações sociais, que os seres humanos estabelecem em seu processo de trabalho, a possibilidade de uma ação se transformar em ação-transformadora pode ganhar corpo quando os trabalhadores têm assegurado, pelo menos, o direito à Educação Básica.

Compreendemos que na ansiedade de responder às demandas de geração de trabalho e renda das comunidades de sobrevivência imediata, o que é bastante real e justo, são desenvolvidos os processos educativos aligeirados e “imediatamente interessados”, reforçando a perspectiva do “treinamento”. Com isso, vem ganhando centralidade o “como fazer” (metodologia), ao mesmo tempo em que se perde de vista a construção de um projeto político-pedagógico sustentado por uma concepção educativa emancipadora, que aponte para um projeto societário de novo tipo. Verifica-se que, mesmo quando a equipe de incubação recorre aos referências teórico-práticos tão caros à utopia ativa e emancipadora, como, por exemplo, as proposições de Paulo Freire, as misturas de termos, instrumentos e concepções promovem uma confusão de tal ordem, que os horizontes educativos das ITCPs ficam nebulosos.

Embora a associação apresente inúmeras dificuldades e visíveis contradições no processo formativo analisado, principalmente no aspecto “autogestão no trabalho associado”, ao mesmo tempo é inegável os diversos “saberes de natureza política e organizativa”, que foram apreendidos e desenvolvidos pelas mulheres, durante o tempo de incubação, alguns deles: coordenar pequenos e grandes grupos; tomar decisão individual e coletivamente; compartilhar saberes; distribuir as sobras de forma coletiva, aprender a conhecer algumas legislações e valorizar o seu trabalho e a necessidade de organização.

4. CONCLUSÕES

Como principais resultados, observou-se que o processo de incubação promovido pela ITCP-FURG não tem em sua concepção teórico-metodológica um projeto societário contra-hegemônico, logo, nas contradições da implementação prática do processo de incubação, a maioria das ações da incubadora acaba ‘tombando’ na lógica cartesiana do empreendedorismo. No entanto, alguns avanços podem ser mensurados no período de estudo do processo de incubação, tendo o empreendimento incubado avançado em algumas características da autogestão, principalmente no que diz respeito ao controle e à apropriação da produção pelas trabalhadoras.

Dessa forma, destacamos alguns indicativos que dificultam o avanço na prática extensionista de incubação: a) a ausência da concepção de democracia e de projeto utópico de sociedade no projeto societário da incubadora; b) as ações da incubadora, através de sua metodologia, que se anuncia com princípios Freireanos, mas na prática encontra muitas dificuldades de implementação e avanço; c) a concepção frágil do projeto educativo e do papel do trabalho como um princípio educativo; d) a ‘jovem’ experiência da própria equipe de incubação e a falta de aprofundamento teórico não permitem um acompanhamento mais sistematizado e complexo; e) o ensino fragmentado e hierárquico na universidade

acaba dificultando relações mais horizontalizadas e interdisciplinares; f) a falta de entendimento da precariedade do trabalho na reciclagem, e, com isso, estratégias inférteis para pensar e elaborar proposições na cadeia produtiva da reciclagem; g) a ausência na articulação com os movimentos sociais; h) o vínculo de dependência da Associação, relação a projetos que dependem de editais, fazendo com o que a incubadora assuma o papel do Estado nesse processo.

Todos os aspectos expostos têm correlações e ligações diretas com o contexto político, econômico e cultural da contemporaneidade: a desconstituição de paradigmas, a hegemonia do capital, o avanço científico/tecnológico, “o neoliberalismo e, agora, a sua crise e a reestruturação produtiva são elementos que fazem com que a universidade brasileira esteja cada vez mais comprometida com o modelo de produção do conhecimento liberal, formando profissionais liberais, que atuam em prol das necessidades do capital, não atendendo às necessidades humanas” (CHAUÍ, 2003).

Assim, os princípios educativos da universidade, na contemporaneidade, “são pautados nas novas relações pela flexibilização do trabalho, descobertas científicas, difusão da cultura centrada no individualismo e na competitividade e lucratividade” (LEHER, 2007). Enfim, os novos tempos, colocaram também a concepção de Extensão Universitária, Educação Popular e Trabalho Associado em um labirinto. Do lugar onde essas concepções nascem, para o lugar onde se encontram, a distância é longa, tais concepções estão cada vez mais destituídas de concretude e radicalidade.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHAUÍ, Marilena. **A universidade pública sob nova perspectiva**. Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2003.

FARIA, M. **Autogestão, Cooperativa, Economia Solidária: avatares do trabalho e do capital**. Florianópolis, SC. tese de doutorado em sociologia política no Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

LEHER, Roberto. **Educação popular como estratégia política**. In ALMEIDA; JANIZE (ORG). Educação e Movimentos Sociais: novos olhares. SP: Alínea, 2007.

NOSELLA, Paolo. **A escola de Gramsci**. São Paulo: Cortez Editora, 2004.

SINGER, Paul. **A economia solidária como ato pedagógico**. In: KRUPPA, Sônia (Org.). Economia solidária e educação de jovens e adultos. Brasília: INEP, 2005.

TIRIBA, Lia. **Educação popular e Pedagogia(s) da Produção Associada**. In: Caderno Cedes, Campinas, vol. 27, n. 71, p. 85-98, jan/abr. 2007.

TRIVIÑOS, Augusto. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Editora Atlas, 1987.